



A posição da oração completiva em construções subjetivas: o papel do design visual na dinâmica das construções

The Position of Completive Clause in Subjective Constructions: the Role of Visual Design in Construction Dynamics

Nilza Barrozo Dias

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

nilzabarrozodias@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3521-508X>

Angelina Maganha Grigorio da Silva

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

angelinamaganha@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-7301-687X>

Resumo: Neste artigo, investigam-se construções subjetivas de modalização (deôntica e epistêmica) e de avaliação, sob a perspectiva de modelos centrados no uso (BOYLAND, 2009; KEMMER; BARLOW, 1999), especialmente pressupostos da Linguística Centrada no Uso, que, segundo Diessel (2017) e Bybee (2016), apresenta aporte de base Funcionalista e da Linguística Cognitiva. Acrescente-se a contribuição da Gramática do Design Visual na dinâmica da construção subjetiva nos memes/postagens. As construções subjetivas são denominadas de construções subjetivas deônticas, subjetivas epistêmicas e subjetivas avaliativas, constituídas sintaticamente por oração matriz seguida da oração completiva subjetiva. A partir de 214 dados de uso coletados do site da rede social Facebook, observamos que a motivação discursiva determina a ordem da oração subjetiva avaliativa em relação à sua matriz, já que a topicalização da subjetiva na construção subjetiva avaliativa apresenta resultados bastante expressivos. Contrariamente, a construção subjetiva epistêmica preza pela posposição categórica da oração completiva. A oração matriz pode ser vista como um chunking, uma unidade sequencial que projeta impessoalização; a esquematização da categoria apresenta um slot que se realiza como adjetivo, sendo a construção parcialmente esquemática porque o adjetivo que preenche o slot varia entre os avaliativos, os deônticos e os epistêmicos. Do ponto de vista textual-discursivo a construção subjetiva funciona como uma “ilha” de valor impessoal, genérico, que é cercada por informações pessoais e experiências pessoais.

Palavras-chave: construção subjetiva; modalidade e avaliatividade; uso linguístico; Gramática do Design Visual.

Abstract: In this article, subjective constructions of modalization (deontic and epistemic) and of evaluation are investigated, from the perspective of Use-Centered Linguistics (BOYLAND, 2009; KEMMER; BARLOW, 1999), which, according to Diessel (2017) and Bybee (2016), presents Functionalist and Cognitive Linguistics contribution. Add to that the contribution of the Grammar of Visual Design in the dynamics of subjective construction in memes/posts. The subjective constructions are called deontic subjective constructions, epistemic subjective and evaluative subjective constructions, syntactically constituted by matrix clause followed by subjective complement clause. From 214 usage data collected from the Facebook social network site, we observed that discursive motivation determines the order of the subjective evaluative clause in relation to its matrix, since the topicalization of the subjective in the subjective evaluative construction presents very expressive results. On the contrary, the subjective epistemic construction values the categorical postposition of the complete clause. The matrix clause can be seen as a chunking, a sequential unit that projects impersonalization; the schematization of the category presents a slot that takes place as an adjective, the construction being partially schematic because the adjective that fills the slot varies between evaluative, deontic and epistemic. From a textual-discursive point of view, the subjective construction works as an “island” of impersonal, generic value, which is surrounded by personal information and personal experiences.

Keywords: subjective construction; modalization and evaluation; linguistic use; Grammar of Visual Design.

Recebido em 01 de setembro de 2021

Aceito em 03 de novembro de 2021

1 Introdução

Objetivamos, neste trabalho, investigar a construção subjetiva que apresenta valores semântico-discursivos de modalização (deontica, epistêmica) e de avaliação, testando a hipótese de que a motivação discursiva determina a ordem da oração subjetiva em relação à matriz, numa abordagem de modelos centrados no uso (BOYLAND, 2009; KEMMER; BARLOW, 1999), especialmente propostas da Linguística Centrada no Uso, que, segundo Diessel (2017) e Bybee (2016), apresentam aporte de base Funcionalista e da Linguística Cognitiva; acrescente-se ainda a contribuição da Gramática do Design Visual (GDV), para a compreensão

da dinâmica da construção subjetiva empregada em textos da internet, *memes*, que mesclam o verbal e o visual. A construção subjetiva, conforme Dias, Abraçado e Lima-Hernandes (2017), é constituída de oração(ões) completiv (s) subjetiva(s) + oração(ões) matriz(es).

As construções podem apresentar diferentes valores semântico-discursivos. Esses valores estão atrelados a marcas de subjetividade do falante/escrevente atribuídas às construções pelas orações matrizes de valor deôntico (necessidade/obrigatoriedade), epistêmico (de possibilidade/de certeza) ou de avaliação (de julgamento/de afeto/de apreciação).

Assim, o falante/escrevente expressa o seu posicionamento frente ao conteúdo da oração completiva subjetiva. Além disso, a ordem da oração completiva subjetiva em relação à oração matriz também se revela um importante recurso para a expressão da subjetividade do falante/escrevente. Isso porque a posição inicial da construção subjetiva é o lugar da expressão da subjetividade, e, sendo assim, a informação que ocupa essa posição na construção ganha destaque. Dito de outra forma, ao eleger a informação que irá preencher esse espaço, o falante/escrevente adiciona maior ou menor carga semântica às informações veiculadas na construção.

Os dados de uso analisados, neste trabalho, são de construções subjetivas com matrizes que apresentam o verbo *ser/estar/ficar* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo + predicativo (deôntico/epistêmico/avaliativo). Na primeira seção, apresentamos os pressupostos teóricos sobre modelos centrados no uso, especificamente a Linguística Centrada no Uso, que abarca a perspectiva funcionalista - selecionamos a proposta de conexão de orações e os domínios cognitivos, conforme Bybee (2016). Segue-se a conexão de orações, em que são destacados os valores semântico-discursivos e as posições das orações completivas subjetivas em relação à oração matriz, além da abordagem sobre o meme e o Facebook. Na segunda seção, tratamos da metodologia e, na terceira seção, apresentamos a análise dos dados, seguida das considerações finais e das referências bibliográficas.

Neste estudo, conforme Dias, Abraçado e Lima-Hernandes (2017), adotamos a designação “construções subjetivas” para aquelas sentenças complexas que se constituem de oração matriz e de oração ou orações que se comportam como sujeito, uma completiva subjetiva. No entanto, autoras sinalizam que o sujeito oracional não exhibe os traços prototípicos de sujeito, já que apresenta “traços negativos de agente, de tópico, de tema, de informaticidade dada, de individualização e para o qual não servem os critérios de animacidade”.

2 Pressupostos teóricos

2.1 Modelos baseados no uso

Os eventos diários propiciam ao falante as experiências que dão suporte às suas representações mentais, no nosso caso, de estruturas da linguagem em todos os níveis, desde a fonética até a pragmática. Quando os falantes “gravam” várias instâncias do uso da linguagem em contextos particulares, eles desenvolvem uma base de conhecimento implícita cada vez mais rica a partir do qual eles podem, de uma forma cognitivamente realista, gerar cada vez mais sofisticadas generalizações (BYBEE, 2016; DIESSEL 2017). A ideia de que processos e representações baseados no uso constituem o conhecimento da linguagem apresenta implicações múltiplas e amplia nossa compreensão dos fenômenos sincrônicos, do entendimento da mudança diacrônica, da forma como a estabilidade é mantida, e da nossa compreensão de padrões de variabilidade no e entre falantes, reforçando que o conhecimento de uma língua provém do conhecimento de usos linguísticos reais e as generalizações são feitas a partir de eventos de uso linguístico (DIESSEL, 2017).

Mas é bom reforçar que a complexidade linguística emerge da interação entre cognição e uso. A língua funciona como um sistema adaptativo complexo, isto é, como um sistema que muda e se reorganiza em resposta a múltiplos fatores em competição, segundo Bybee (2016), como uma duna de areias. Diessel (2017, p. 12) considera que se busca explicar gradações em membros da categoria gramatical e regularidades locais em exceções; e identificar padrões em esquemas mais gerais ou alternativos que estejam presentes nas margens difusas da linguagem. Diessel (2017) considera que há um consenso de que o uso da linguagem envolve uma ampla gama de processos cognitivos e sociais, que podem ser divididos em três domínios gerais, a saber: (i) cognição social; (ii) conceitualização; e (iii) memória e processamento. Neste último domínio, o autor aponta que a representação linguística na memória não é simplesmente um lugar de armazenamento, conforme literatura mais antiga, mas sim que o termo memória inclui um conjunto de processos cognitivos que dizem respeito à ativação, processamento e organização do conhecimento (COWAN, 2005; JONIDES, *et al.* 2008).

Assim, Diessel (2017) e Bybee (2016, 2020) enfatizam a importância da frequência e da repetição para o armazenamento e a

organização de informações linguísticas na memória (DIESEL 2007; DIESEL; HILPERT 2016); ambas são determinantes no desenvolvimento do conhecimento linguístico, mas convém destacar também a importância dos mecanismos cognitivos por trás dos muitos efeitos da frequência na linguagem. Desse modo, nessa abordagem, os conceitos são formados a partir de tokens com propriedades semelhantes que, juntos, fornecem um ponto de referência cognitivo para a classificação de novas experiências, ou novos *tokens*. Segundo Diessel (2017), como consequência da aprendizagem baseada na experiência, os conceitos estão ligados a traços de memória individual e a categorização nem sempre se baseia em generalizações de alto nível, mas muitas vezes envolve o conhecimento de experiências particulares ou grupos locais de tokens semelhantes (DIESEL, 2016; MURPHY 2002). A abordagem por exemplar pode ser aplicada à sintaxe (GOLDBERG, 2006), ou seja, as construções subjetivas em estudo, emergentes da experiência dos usuários da linguagem, podem ser associadas também aos links modalizadores e avaliativos, e ao valor de impessoalidade para escamoteamento da subjetividade, além de as subjetivas completivas avaliativas serem reinventadas no uso de tópico sentencial, na posição anteposta à matriz, o que inclui um uso incomum de posição na construção, já que a produtividade da construção subjetiva aponta para a posposição da subjetiva completiva (DIAS; BRAGA, 2017); contudo a posição anteposta é previsível dentro das possibilidades de língua portuguesa.

A frequência leva a uma automatização de sequências que são estruturadas internamente, mas ativadas e executadas como um todo integrado (LANGACKER 1987, p. 494); já automação é um mecanismo cognitivo geral por meio do qual uma série de elementos distintos é transformada em uma unidade de processamento Langacker (2008, p. 60-73) usa a noção de “unidade” como um termo técnico; Bybee (2010, p. 8) refere-se a unidades como *chunks* e ao processo de formação de unidades como *chunking*: “*Chunking* é o processo pelo qual sequências de unidades que são usadas juntas se unem para formar unidades mais complexas” (BYBEE 2016). “Unidades ou pedaços são rotinas cognitivas que dizem respeito a ações motoras, como dançar, e atividades cognitivas, como contar ou recitar o alfabeto” (LANGACKER 2008, p. 16-17).

Bybee (2016) desenvolve pesquisas acerca dos domínios cognitivos, categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal. Categorização faz referência à similaridade de identidade que ocorre “quando palavras e sintagmas, bem como suas

partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas” (p.26). Assim, o significado dos itens lexicais que fazem parte da construção auxilia na função e distribuição da construção no discurso. As categorias de exemplares exibem efeitos prototípicos, que são derivados do compartilhamento/pertencimento a uma categoria que, comparada com outro membro da categoria, pode levar o falante/escrevente a considerar uma certa ordenação no grau de compartilhamento. Como o mecanismo por detrás da produtividade é a analogia específica do item, uma construção com alta frequência type será provavelmente mais usada para formar um enunciado novo do que uma frequência type mais baixa, simplesmente porque há mais candidatos para se fazer analogia.

Na consideração acerca das dimensões em que as construções variam, Dias e Braga (2017) avaliam o grau de fixação e a esquematicidade das posições componentes da construção. A esquematicidade “faz referência à definição substantiva da categoria” (p. 205-224) que pode ser mais alta, quando temos variação dentro da categoria, com as posições altamente esquemáticas ou as posições nas construções podem ser completamente fixas, ficando mais baixo na escala da esquematicidade. As construções podem ser bastante específicas, permitindo um pequeno grau de variação em uma determinada posição.

No caso das construções em estudo, Dias e Braga (2017) verificam que as construções subjetivas avaliativas permitem uma quantidade bem diversificada de adjetivos ocupando a posição de predicativo, junto ao verbo “é”. Os dois itens linguísticos formam um chunk, no sentido de que são percebidos pelos usuários como uma unidade encadeada, usada para expressar subjetividade do falante/escrevente, na forma unipessoal de 3ª pessoa do singular, conectando-se ao link de impessoalidade. As construções subjetivas deônticas e epistêmicas apresentam variação no *slot*, mas de modo menos intenso.

De acordo com Bybee (2016), a língua é um fenômeno que possui estrutura aparente e apresenta regularidade de padrões com variações significativas em todos os seus níveis, pois a natureza da linguagem se assemelha às dunas de areia, já que, com o passar do tempo, apresentam variações que ocorrem de forma regular. Dessa maneira, um estudo centrado no uso buscará explicar as regularidades da língua.

2.2 A conexão de orações

Um estudo que se vincula ao funcionalismo prioriza o emprego da semântica e da pragmática nas análises, pois nos possibilitam a compreensão dos novos usos linguísticos. Assim, a sintaxe e a pragmática

não podem ser concebidas como níveis estanques da gramática, uma vez que há uma relação intrínseca entre elas que orienta a formação dos enunciados. Conforme Neves (2006), uma análise de cunho funcionalista não ficará na superfície do texto, antes penetrará a sua organização. Segundo Castilho (2019), a sintaxe funcional observa a língua contextualizando-a segundo a situação interacional com a atenção voltada para as categorias sociais e cognitivas representadas em sua estrutura gramatical. Assim apontamos para a conexão de orações na visão funcionalista.

A literatura funcionalista busca os níveis de conexão de orações. À vista disso, Hopper e Traugott (2003) propõem um *continuum* em que podemos observar três pontos de aglomeração: a parataxe, a hipotaxe e a subordinação. Nessa perspectiva, analisam-se as construções, levando-se em conta dois fatores: dependência e encaixamento. Assim, analisar a conexão de orações consiste em observar o grau de dependência entre as orações (se maior ou menor).

Quadro 1 - *continuum* de integração de orações

	Parataxe (independência)	Hipotaxe (interdependência)	Subordinação (dependência)
[Dependência]	-	+	+
[Encaixamento]	-	-	+

Fonte: baseado em Hopper e Traugott (2003, p. 178).

A parataxe encontra-se em um extremo do *continuum*, caracterizando a combinação de orações em que a relação é de relativa dependência, ou seja, as orações são menos dependentes e menos encaixadas, ao passo que a hipotaxe apresenta relativa dependência e menos encaixamento. No outro extremo do *continuum*, está a subordinação, cuja relação entre as orações é marcada por mais dependência e encaixamento total (HAIMAN; THOMPSON 1988; HOPPER; TRAUGOTT 2003; LEHMANN 1988; MATHESSEN; THOMPSON 1988).

Para Halliday (1985), a conexão de orações deve ser analisada de modo a se considerar os tipos de relações semântico-funcionais e a dependência entre elas. À vista disso, Braga (2001) vê nesse modelo apresentado por Hopper e Traugott (2003) um tratamento mais adequado aos processos de combinação de orações quando conjugado às relações lógico-semânticas apresentadas por Halliday (1985) e à aceitação de que uma mesma relação semântica pode ser codificada por diferentes estratégias

sintáticas. Thompson (1984) critica o fato de se colocar dentre as orações subordinadas várias orações de estatutos tão diferentes. As verdadeiras subordinadas são aquelas que formam constituintes oracionais.

No que se refere às construções subjetivas, elas apresentam + dependência e + encaixamento, portanto, as verdadeiras subordinadas. É bom destacar que representam um bom recurso utilizado pelo falante/escritor para expressão da impessoalidade, escamoteamento da subjetividade, passando-nos a impressão de que a construção funciona como um parêntese no nível textual-discursivo, resultante de contraste entre a impessoalidade da construção e o entorno marcado por expressões de pessoalidade, experiências pessoais (DIAS; BRAGA 2017; DIAS; ABRAÇADO; LIMA-HERNANDES, 2017). Quanto à forma, as construções apresentam, na oração matriz, uma morfossintaxe unipessoal de 3ª pessoa do singular, cristalizada no presente do indicativo e uma completiva subjetiva, marcada por verbos na forma (não) finita, a depender do tipo de subjetiva. A oração matriz instancia expressão de subjetividade na forma de modalidade e de avaliação em sua oração matriz, e a oração subjetiva completiva se realiza preferencialmente na posição posposta, para que o falante marque na oração matriz a expressão da sua subjetividade (DIAS; BRAGA, 2017).

Segundo as autoras, do ponto de vista textual-discursivo, é estabelecida uma relação entre a construção subjetiva e o entorno discursivo, em que se alocam as camadas pragmáticas. A construção veicula uma noção semântica impessoal¹ (LANGACKER, 2011), genérica, podendo ser negativa, em relação ao entorno marcado por experiências individuais, com instâncias em primeira pessoa. Assim, embora haja um sujeito oracional, ele é incapaz de agir, por ser não pessoa; a oração predicadora, alçada à posição inicial da construção, é expressa por verbo ser em terceira pessoa do singular (forma unipessoal, cf. NEVES, 1984), no presente do indicativo. Tais recursos se mostram ideais para fazer o contraste entre o genérico, o impessoal da construção e as experiências, as exemplificações em primeira pessoa do falante/escritor, no entorno linguístico, constituindo tais ferramentas “distratores insuspeitos de uma primeira pessoa que prefere, nesse

¹ Para o francês, Achard (1998) caracteriza o *il* como um sujeito real numa construção existencial que perfila uma configuração abstrata específica. Os impessoais representam instâncias de construções de configuração subjetiva. O autor propõe as seguintes construções impessoais: (i) existencial abstrato, (ii) o impessoal de reação emocional, (iii) *raising impersonals*, (iv) o impessoal epistêmico, (v) o impessoal deontico e (vi) o avaliativo.

contexto específico, minimizar a sua participação no evento, provê informações sobre a que veio o falante/escrevente, sem se corrigir, para não se comprometer” (DIAS; ABRAÇADO; LIMA-HERNANDES, 2017, p.168. Vejamos, portanto, o que afirmam Dias, Abraçado e Lima-Hernandes (2017, p. 168 com base em Dias (2015):

Do ponto de vista textual-discursivo, podemos observar uma relação especial que se estabelece entre a construção subjetiva e o entorno discursivo, em cujas dobras estão as camadas pragmáticas. Explicamos: geralmente, a construção sob estudo veiculará uma noção semântica impessoal, genérica e, em alguns casos, negativa em relação ao entorno marcado por experiências pessoais do indivíduo, exemplificações em primeira pessoa do singular ou plural, e valores positivos. Todos mobilizados para atenuar a posição do falante.

Diante disso, fica clara a relação intrínseca entre a forma e a função da linguagem. Um olhar sobre a língua em uso que considere a função revela, por exemplo, o caráter subjetivo da linguagem, as motivações do falante/escrevente que determinam o uso, suas preferências, entre outros.

De acordo com as pesquisadoras e, conforme podemos ver em Dias (2013a; 2013b) e Dias e Braga (2017), a forma da oração matriz permite uma leitura de ação genérica e não pessoal em relação à informação da oração subjetiva (ver LANGACKER, 2011). Do ponto de vista semântico-discursivo, a oração matriz desempenha função modalizadora (epistêmica, deôntica) ou avaliativa (expressando apreciação, afeto e julgamento) (MARTIN; WHITE 2007).

Assim, a oração matriz que seleciona oração completiva subjetiva se faz representar por uma forte semântica de modalidade e avaliação. O falante/escrevente exprime suas atitudes e opiniões acerca da informação da oração completiva (NEVES, 1996) e, ao fazê-lo, expõe sua avaliação com base no conhecimento compartilhado socialmente. No que tange à semântica da modalidade, as construções subjetivas podem ser de diferentes tipos (NEVES, 2011). O usuário pode modalizar ou fazer uma avaliação, por exemplo. Nas construções de modalidade e de avaliação, a oração matriz se constitui de adjetivo modalizador ou qualificador, respectivamente, antecidos ou não do verbo ser (DIAS; BRAGA, 2017). O falante/escrevente seleciona o adjetivo conforme as propriedades semântico-discursivas que melhor atendam às suas necessidades comunicativas no ato da interação social. Ou seja, essa escolha é orientada

pelo efeito de sentido final a que se pretende. Este trabalho abarca o tipo deôntico (necessidade/obrigatoriedade), o epistêmico (de dúvida, de certeza) e a avaliação (julgamento e apreciação).

A partir de Saint-Pierre (1992), Neves (1996) afirma que a modalização é uma operação em que o falante/escrevente assume uma posição acerca do conteúdo proposicional de seu enunciado em relação a um evento ou a uma relação intersubjetiva. De acordo com a autora, há dois eixos conceituais básicos, no que tange à modalidade. Um eixo é do conhecimento, em que está situada a modalidade epistêmica, o outro é o da conduta e situa a modalidade deôntica.

No eixo do conhecimento, há um ponto do *continuum* que vai da certeza a diferentes graus do possível. Os modalizadores epistêmicos podem ser asseverativos ou dubitativos. No primeiro caso, atribuem à matriz uma avaliação com valor de verdade, não deixando margem para dúvidas; no segundo, integram a matriz que expressa a dúvida do falante em relação à declaração da oração completiva; enquanto que os modalizadores deônticos são responsáveis por atribuírem à matriz a propriedade semântica de obrigação, de necessidade (CASTILHO, 2019; NEVES, 2011). Casimiro (2007) afirma que a modalidade deôntica deve ser analisada com base em um conjunto de regras sociais e morais existentes, já que o falante/escrevente é orientado pelos valores de permissão, obrigação ou necessidade, os quais são estabelecidos a partir desse conjunto de regras, que pode ser pautado em leis, cultura, hábitos de uma sociedade. Oliveira e Mendes (2013) observam que a permissão e a obrigação são controláveis, uma vez que se originam dos participantes humanos que fazem parte da situação apresentada na construção de modalidade deôntica. Já a necessidade ou possibilidade de que determinado fato ocorra podem decorrer de fatores externos aos participantes humanos, isto é, podem resultar de fatores que independem dos agentes e, por isso, não são controlados por eles (OLIVEIRA; MENDES, 2013).

Do ponto de vista semântico-discursivo, a oração matriz pode ainda expressar uma avaliação acerca da proposição da oração subjetiva. Martin e White (2007) atribuem três subclassificações aos adjetivos avaliativos no nível semântico-discursivo que são determinados pela atitude do falante/escrevente. À vista disso, a atitude pode ser de julgamento, de apreciação e de afeto. Deste modo, a avaliação é um recurso utilizado quando o usuário da língua pretende atribuir um determinado valor a um elemento específico. De acordo com os pesquisadores, a avaliação de julgamento

está fortemente atrelada às noções de ética, avaliando o comportamento das partes envolvidas. Portanto a avaliação ocorre, quando o indivíduo a usa com base em referência a normas institucionalizadas, cujos valores sociais e culturais são os parâmetros adotados (DIAS; ABRAÇADO; LIMA-HERNANDES, 2017). Na apreciação, observamos principalmente as questões emocionais quanto as de fatores culturalmente definidos. O valor semântico de apreço pode ser notado em avaliações com base na estética e é obtido por predicativos apreciativos, como bonito, perfeito, agradável (MARTIN; WHITE 2007).

Não poderíamos nos furtar de abordar a ordem da oração completiva subjetiva em relação à sua matriz. Gonçalves e Casseb-Galvão (2008) abordam a ordem das sentenças encaixadas e observam que as propriedades semânticas e discursivo-pragmáticas influenciam, de algum modo, a estrutura da sentença, refletindo, então, na colocação dos constituintes na construção. Dias, Abraçado e Lima-Hernandes (2017) defendem a hipótese de que o espaço para a marcação de atitude do usuário da língua esteja na posição inicial da sentença. Deste modo, a escolha do falante não é aleatória, e sim guiada por princípios icônicos. Essa hipótese corrobora a proposta apresentada por Neves (2011) no sentido de que, ao decidir pela ordem de colocação das informações, o falante/escrevente evidencia a informação que pretende enfatizar, destacando-a dentro da construção. Ou seja, topicalizando o que é de seu interesse discursivo.

De acordo com Dias, Abraçado e Lima-Hernandes (2017), a ordem dos constituintes da oração, numa construção subjetiva, não é o único recurso para o falante/escrevente se inserir no discurso. Contudo, a questão da ordem, segundo as autoras, tem recebido papel de destaque no que diz respeito à expressão da subjetividade, por ter forte atuação na expressão do falante e de suas atitudes e crenças. As autoras, no entanto, esclarecem que é importante destacar o espaço da oração matriz como o lugar em que são encontradas as pistas de atitude de forma mais evidente, já que a função de marcar a atitude do falante/escrevente é marcada por elementos da oração matriz.

2.3 O meme e o Facebook

As redes sociais possuem a característica de fazer circular textos multissemióticos. À vista disso, Santos (2020) analisa e descreve os

memes da internet, observando que eles podem ser tipicamente compostos, no âmbito verbal, de processos materiais, orações declarativas e tema e tópico. O pesquisador aponta que, ainda que de forma menos regular, na esfera visual, a sintaxe é segmentada, o que gera uma segmentação da informação dada e nova, com predomínio da cor, da fonte e da colagem com fatores de saliência.

Neste trabalho, estamos considerando o Facebook (doravante FB) como um suporte, um ambiente virtual do qual os usuários dispõem para fazer circular os seus gêneros discursivos, haja vista a variedade de gêneros que circulam nessa rede social, como textos verbais produzidos em diversos gêneros, textos visuais e textos mistos - textos imagéticos com textos verbais (MARCUSCHI, 2008).

Marcuschi e Xavier (2010) salientam que os novos meios eletrônicos não estão atingindo a estrutura da língua. Segundo o autor, o impacto maior é na forma de manifestação por meio do texto. Assim sendo, na concepção de Marcuschi, decorre de tudo isso a necessidade de gêneros textuais que emergem para suprir as necessidades comunicativas nos meios digitais. Entretanto, é notório que, mesmo diante de todas as transformações e da infinidade de novas possibilidades de produção, gerando, inclusive, textos híbridos, os textos guardam semelhanças com os gêneros anteriores ao advento da internet.

O termo meme surge pela primeira vez, na década de 70, no trabalho do biólogo britânico, Richard Dawkins, quando ainda nem havia internet. O biólogo, em seu livro *The Selfish Gene*, aborda os novos replicadores, os genes, os quais nomeia de meme a partir do conceito de *mimesis* de Aristóteles, que significa imitação. Para o filósofo grego tanto a arte quanto a vida se pautam em um processo comum que é a imitação. E, por isso, o termo fora, por empréstimo, adaptado para a esfera digital para nomear conteúdos amplamente compartilhados e recriados pelos usuários das redes sociais, a exemplo do FB.

Podemos pensar sobre algumas características que fazem com que um conteúdo seja adequado ao *status* de meme, a saber: a fecundidade, a fidelidade e a longevidade. A longevidade está relacionada à capacidade de reprodução de um meme, pois quanto maior for o tempo de vida (exposição/circulação) de um conteúdo nas redes sociais, maior será sua chance de replicar-se; a fecundidade relaciona-se à quantidade de vezes que o meme foi replicado, pois precisa alcançar um nível de compartilhamento viral; e a fidelidade, que está relacionada à capacidade

de um conteúdo ser replicado da forma mais próxima possível da original, ou seja, quanto menor a variação em relação ao conteúdo inicial, maior é a fidelidade da cópia (RECUERO, 2007).

Marcuschi (2010, p. 19) alerta que “Os gêneros são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural. Contudo, os gêneros não são categorias taxionômicas para identificar realidades estanques”. Portanto, a linguagem precisa ser observada com cautela sempre. À vista disso, Santos (2020) faz as seguintes ponderações acerca dos estudos dos memes da internet:

[...] o meme da internet não pode ser descrito na plenitude de uma realidade estanque. Dessa forma, a concepção clássica de gênero não pode ser aplicada ao estudo dos textos mêmicos sem que o pesquisador encontre estratégias para lidar com a natureza híbrida, mutável, criativa e bricolada. Essa identidade dinâmica e multiforme do gênero digital Meme de Internet, por vezes, se manifesta e pode ser constatada na variedade de seu plano composicional. Ou seja, em seus múltiplos modos de estruturação, mesmo sendo de um único tipo (sintaticamente) ou tratar da mesma temática, pode tomar a forma de uma *Image macro* (imagem com legenda sobreposta) ou tirinhas mêmicas nas redes sociais (SANTOS, 2020, p. 52-53).

Santos (2020, p. 98) observa, com base em Kress e Van Leeuwen (2006), que o conceito de imagem é “[...] um sistema complexo, multifuncional, independente e que dialoga com o contexto específico (no nosso entender, de cultura e de situação, se pensarmos em termos sistêmico-funcionais) do qual se emerge”. De acordo com o pesquisador, a composição do significado visual se materializa a partir da relação dos participantes representados na imagem, da ação, ou seja, o que é visto sendo praticado na imagem, de quem vê (participante interativo) e da organização desses elementos no texto visual.

De acordo com Santos (2020), a GDV defende que se analise as estruturas composicionais do texto multissemiótico com base em como os significados do texto são construídos ao se mesclar as diferentes semioses, seja a estrutura regular ou não.

Nessa perspectiva, a estrutura do texto mimético pode ser descrita a partir das metafunções: **metafunção representacional** - estrutura visual responsável pela construção da natureza do evento e as circunstâncias em que ocorrem; **metafunção interativa** - estrutura responsável por estabelecer a relação entre os participantes (interativos,

representados); **metafunção composicional** - estrutura responsável por organizar a distribuição das informações na imagem, como cores, posicionamento dos conteúdos (imagem, texto), etc.

Com base no exposto, nos textos miméticos, a função representacional ganha centralidade já que cumpre o papel de forjar a interação entre os participantes. Deste modo os participantes são: **interativos** - produtor/autor/escrevente e receptor/leitor; e **representados** - figuras/personagens (seres humanos ou animais). Os participantes representados estabelecem o contato necessário entre o escrevente² e o leitor, seja por meio do contato visual (figura representada com o olhar voltado para a frente, simulando um contato visual com o leitor), seja por meio da centralidade que ocupa no texto, ou ainda pelo ângulo da imagem que pode traduzir mais proximidade ou afastamento em relação ao leitor.

Conforme Novelino (2007), a GDV, que possibilita a análise de imagens, foi desenvolvida a partir da Gramática Sistemico-Funcional de Halliday (1985). No entanto, de acordo com a autora, ainda que a base para o trabalho seja a noção de metafunção de Halliday relacionada à análise de imagens, os pesquisadores não buscam verificar a existência de correspondência entre as estruturas linguísticas e as estruturas visuais. Em outras palavras, a imagem não é meramente uma representação do conteúdo verbal, salienta Novelino.

Recuero (2017, p. 18) observa a relevância dos *sites* de redes sociais como espaço de interação e como um promissor veículo de comunicação humana. Além disso, o fato de esses *sites* tornarem essas comunicações registradas e capazes de serem buscadas legitimam os estudos linguísticos a partir dessas interações.

3 Metodologia

Para a realização deste estudo, utilizamos pressupostos de modelos centrados no uso, especialmente propostas da Linguística Centrada no Uso, que, segundo Diessel (2017) e Bybee (2016), apresentam aporte de base Funcionalista e da Linguística Cognitiva. Nosso *corpus* de análise se constitui de construções subjetivas de modalidade deôntica e epistêmica e de avaliação coletadas de páginas da rede social FB³. A análise abarca

² O termo “escrevente” foi preferido para designar o produtor dos textos coletados para esta pesquisa por se tratar de dados de escrita.

³ Todos os dados constantes deste trabalho e extraídos do Facebook têm acesso aberto na internet e não necessitaram de autorização prévia de seus autores para utilização para fins de estudos.

tanto os aspectos formais quanto os funcionais das ocorrências de construções subjetivas. Os objetivos são analisar: (i) a posição da oração subjetiva em relação à matriz; (ii) os valores semântico-discursivos de modalidade e de avaliação; (iii) a impessoalidade da oração matriz e a generalização da oração subjetiva. Para este estudo foram coletados duzentos e quatorze dados de ocorrências da referida construção, e a coleta ocorreu a partir da *timeline*, ou seja, à medida que foram surgindo ao serem compartilhados em postagens da nossa rede de amigos. Como forma de registro, elegemos o *print*, uma vez que os gêneros textuais no FB costumam ser híbridos. Isto é, o conjunto textual envolve, muitas das vezes, imagens e textos verbais, caracterizando a linguagem multissemiótica, e não poderia haver perdas quanto às informações que compõem cada texto analisado aqui. Além disso, optamos pelo uso de *prints*, devido ao fato de que as postagens podem ser apagadas a qualquer momento pelo usuário ou pelo próprio FB, no caso de *feedback* negativo, conforme política da rede social.

O levantamento dos dados foi realizado no período de abril de 2018 a maio de 2019. Após a coleta, demos início à análise quantitativa e qualitativa dos dados, pautando-nos no aporte teórico que foi apresentado na seção Pressupostos Teóricos.

A contagem dos dados inicialmente foi manual: contabilizamos o número total de ocorrências e as separamos por grupos de acordo com o valor semântico-discursivo (deôntico, epistêmico e avaliativo) da oração matriz; mas, além disso, utilizamos o GoldVarb para comparação das variantes. Dentro de cada tipo, criamos subgrupos de acordo com a posição da oração subjetiva (anteposta e posposta à matriz), o que nos possibilitou verificar a preferência do falante/escrevente por uma ordem em detrimento da outra em cada grupo semântico-discursivo. Contabilizamos ainda os diferentes tipos de predicativos da oração matriz e sua recorrência nos dados, separando-os de acordo com a função discursiva.

Optamos por chamar de postagem/post o conteúdo compartilhado por nossa rede de amigos como criação própria do usuário; e de meme o conteúdo que foi amplamente compartilhado no período da coleta.

4 Análise de dados

Passamos à análise dos dados coletados para essa pesquisa. Com base nos pressupostos teóricos abordados, apresentaremos os resultados já

obtidos a partir do levantamento de dados. Para cada grupo, analisaremos dados com anteposição da completiva subjetiva e com posposição.

Para fins de organização, optamos por dividir as ocorrências em três grupos de construções. Tendo em vista a frequência de uso, no grupo (1), apresentamos as construções subjetivas de valor avaliativo; no grupo (2), analisamos as construções de valor deôntico; e, no grupo (3), as construções subjetivas epistêmicas. Na parte final de cada dado analisado, destaca-se a contribuição da GDV. Como primeiro objetivo deste trabalho, escolhemos apresentar as ocorrências de acordo com a posição da oração subjetiva, pensando a relação entre o tipo de construção subjetiva (modalidade: deôntica e epistêmica; e avaliação) e a posição da subjetiva em relação à matriz. A tabela 1 apresenta essa divisão com quantificação dos dados em número e em porcentagem para melhor visualização.

Tabela 1 - posição da oração subjetiva / valor semântico da matriz
(Dados rodados no programa GoldVarb)

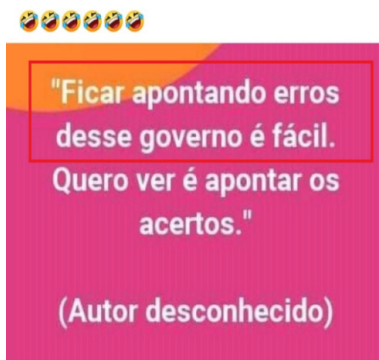
Posição da subjetiva		Deôntica	Epistêmica	Avaliativa	Total
Anteposta	Número	5	0	92	97
		5.2	0	94.8	100
Posposta	Número	32	16	69	117
	%	27.4	13.6	59	100
Total	Número	37	16	161	214
	%	17.2	7.5	75,3	100

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 1 mostra que as orações subjetivas avaliativas apresentam-se preferencialmente na posição anteposta à oração matriz, contrariando resultados apresentados por Dias e Braga (2017b), enquanto as subjetivas epistêmicas instanciam, categoricamente, a posição posposta, corroborando resultados preliminares de Ramos (2016); e as orações subjetivas deônticas apresentam-se preferencialmente na posição posposta, um pouco diferente de resultados obtidos por Wiedemer (2019).

4.1 Grupo 1: Tipo avaliativa

(1)



Fonte – Facebook

A construção subjetiva, no exemplo (1), é constituída de [uma oração completiva subjetiva anteposta [uma oração matriz]]. Do ponto de vista semântico-discursivo, a oração matriz *é fácil* representa uma avaliação do tipo julgamento por parte do escrevente. Neste caso, o predicativo *fácil* qualifica a informação trazida na oração subjetiva *Ficar apontando os erros desse governo*.

A manifestação do verbo *ser* em terceira pessoa do singular do presente do indicativo na oração matriz é a marca da unipessoalidade apontada por Neves (1996). Já a forma do verbo relacional de infinitivo da oração subjetiva *Ficar apontando* é responsável por agregar um valor geral à informação contida na oração completiva *Ficar apontando os erros desse governo*. No entanto, podemos observar que esse valor geral contrasta com a informação seguinte *Quero ver é apontar os acertos*, em que há a marca de primeira pessoa do singular com o sujeito desinencial *eu*, expresso pelo verbo *quero*. Sendo assim, é possível observar, de forma ainda mais contundente, a expressão da subjetividade do sujeito escrevente que tenta o distanciamento através da escolha da forma verbal não finita na construção subjetiva, porém compromete o escamoteamento e se coloca no papel de avaliador da situação na declaração seguinte, promovendo, assim, o embate entre a não-pessoa da construção subjetiva mais impessoal com a pessoa da proposição seguinte que pode ser observada ao olharmos o entorno linguístico.

A construção subjetiva avaliativa neste dado representa um uso em uma postagem do usuário feita em sua página pessoal em que traz a citação entre aspas de um autor desconhecido, conforme informado no *post*, que aponta para um tom de deboche conferido à postagem pelos *emojis* utilizados na legenda.

(2)



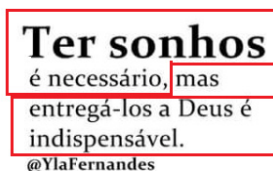
Fonte – Facebook

No exemplo (2), há uma construção subjetiva constituída de oração matriz + orações completivas subjetivas, logo temos a posposição das completivas subjetivas. A oração matriz *É impressionante*, do ponto de vista semântico-discursivo, traz uma avaliação do tipo apreciação (DIAS; ABRAÇADO; LIMA-HERNANDES, 2017; MARTIN; WHITE, 2007) expressa pelo adjetivo *impressionante*, que traduz um alto grau de comprometimento do escrevente em relação à informação contida na oração subjetiva *como as pessoas são julgadas por serem reais e como são amadas por serem falsas*. A construção constitui-se de duas orações completivas subjetivas. Conforme Dias (2013), parece que a oração subjetiva veicula valor menos geral quando apresenta o verbo na forma finita, como no exemplo acima em que o verbo relacional *ser* se apresenta em terceira pessoa do plural *são*. Já a oração matriz é caracterizada pela forma unipessoal, ou seja, não instancia o agente do processo verbal, pois, como temos apontado, escamoteia a participação do escrevente em relação à avaliação (DIAS; ABRAÇADO; LIMA-HERNANDES, 2017; DIAS; BRAGA 2017; RAMOS, 2016). No entanto, ainda que a avaliação da oração matriz busque proporcionar um teor de verdade ao tentar esconder o escrevente por meio da forma verbal escolhida, a unipessoalidade é enfraquecida na medida em que a informação da subjetiva traz sujeito claro e determinado. Assim, por meio deste dado, apresentamos uma construção subjetiva que difere um pouco das demais por apresentar o verbo relacional das orações completivas subjetivas flexionadas no presente do indicativo – *são* –, sendo assim, um dado não canônico.

A construção subjetiva em (2) evidencia uma ocorrência de uso em uma postagem da página do Facebook intitulada Beco do Poeta e foi compartilhada por um usuário do *site* da rede social que está em nossa rede de amigos. A composição dessa imagem, conforme Novelino (2007); Santos (2020), faz com que a informação centralizada seja o foco do participante observador/leitor. Além disso, o fundo escuro da imagem faz com que o conteúdo verbal adquira destaque, fazendo com que o branco das letras contraste com o fundo.

4.2 Grupo 2: Tipo deôntica

(3)



Fonte – Facebook

Com o dado (3), demonstramos uma ocorrência de uso com construções subjetivas na ordem Oração completiva subjetiva + oração matriz. Na primeira ocorrência, vemos a construção *Ter sonhos é necessário* e, na segunda, *Mas entregá-los a Deus é indispensável*. Ambas as ocorrências se constituem de matrizes deônticas que são obtidas pelos predicativos *necessário* e *indispensável*. Podemos observar que o valor de obrigação mais forte fica a cargo do predicativo *indispensável*, já que entregar os sonhos a Deus é imperativo, no entanto essa obrigação é ditada pela consciência (de determinados grupos da sociedade); mas, por outro lado, sonhar ou não, ou seja, ter sonhos ou não tê-los, isso sim é controlável, é elegível, por isso a escolha do predicativo *necessário*. Percebe-se a ideia de que seja importante ter sonhos, contudo eles não são obrigatórios. Caso o participante da ação os tenha, ele precisa entregá-los a Deus. A argumentação passa pelo ideal cristão de que tudo o que acontece passa pela vontade divina, logo a necessidade de entregar os sonhos a ele para que se realizem.

Observamos que a forma verbal das orações matrizes é eleita mediante o propósito comunicativo de esconder o avaliador da situação

expressa nessa construção, o que, conforme já mencionado anteriormente, atribui maior valor de constatação acerca da avaliação contida na mensagem (DIAS; ABRAÇADO; LIMA-HERNANDES, 2017; DIAS; BRAGA, 2017). De igual modo, a forma não finita das orações completivas subjetivas proporciona a não especificação do participante em relação às ações expressas nas orações *ter sonhos* e *entregá-los a Deus*; pois, se não sabemos especificamente a quem é necessário ter sonhos e quem deve entregá-los [os sonhos] a Deus, qualquer participante humano que se identifique com tais ações está apto, portanto, a sonhar e a confiar seus sonhos a Deus.

(4)

"É preciso que a gente entregue os melhores anos de nossas vidas a Deus."

 19

Fonte – Facebook

No exemplo (4), apresentamos a construção subjetiva na ordem Oração matriz + oração completiva subjetiva posposta. A oração subjetiva [que a gente entregue os melhores anos de nossas vidas a Deus], do ponto de vista sintático, está encaixada na oração matriz [É preciso] e aparece posposta em relação à matriz. Nesse dado, observamos a ordem não marcada que consiste na posposição da completiva subjetiva e configura o uso canônico das construções subjetivas; e o valor semântico-discursivo de modalidade deontica é conferida à matriz.

Com esse dado, observamos uma matriz cuja estrutura é com o verbo – *ser* – na forma unipessoal + predicativo *preciso*, que retrata a obrigação interna em relação ao que é declarado na oração completiva subjetiva. Enquanto a forma verbal da matriz confirma a preferência pelo uso da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, a oração completiva subjetiva se constitui da forma verbal no subjuntivo *entregue* do verbo material *entregar*. Esse fenômeno mostrou-se muito raro em

nossos dados, sendo apenas três (dois da modalidade deontica e um da modalidade epistêmica, que será analisado no grupo 3, a seguir) de um total de duzentas e quatorze ocorrências.

Nesta construção, nota-se que o falante modaliza deonticamente a informação da subjetiva, e podemos observar o sintagma nominal “a gente” que sinaliza participantes que queiram entregar os melhores anos a Deus, incluindo *também* a participação do falante/escrevente no evento. Como podemos identificar a contribuição do falante/escrevente, percebemos que “a gente” atribui um valor menos geral, mais indeterminado, já que temos expresso o ser [*a gente*] que age em relação ao que é declarado na construção [É preciso que **a gente** entregue os melhores anos de **nossas** vidas a Deus]. Desse modo, é possível perceber uma maior aproximação entre o escrevente e o leitor, que devem agir, entregando os melhores anos de suas vidas a Deus.

4.3 Grupo 3: tipo epistêmica

(5)



Fonte – Facebook

O dado (5) exemplifica a construção subjetiva na ordem Oração matriz + oração completiva subjetiva posposta. A construção subjetiva epistêmica *Estudos apontam que é impossível falar Johnny Johnny sem ouvir yes Papa como resposta da cria*, cuja oração matriz é *impossível*

predica uma oração na função de sujeito, a oração completiva subjetiva *falar Johnny Johnny sem ouvir yes Papa como resposta da cria*. Do ponto de vista semântico-discursivo, a oração predicadora expressa a modalidade epistêmica de possibilidade por meio do predicativo *impossível*, ou seja, expressa a opinião do falante/escrivente acerca do que é declarado na construção como possibilidade. Na verdade, essa possibilidade é negada pelo prefixo *-in*, dando uma leitura deôntica.

Ao observar a forma da oração matriz, percebemos o emprego do verbo *é* formando a estrutura [*é + nome (predicativo impossível)*]. Vemos uma oração completiva subjetiva que se constitui com o verbo *dicendi falar* empregado no modo indicativo. Como, nesse dado, que compõe um *post*, todas as informações são isentas de marcas de 1ª pessoa, observa-se que a impessoalidade da construção se mantém. Assim, a elaboração da construção não permite determinar quem é o participante que pratica a ação do verbo *falar*, o que o qualifica como impessoal. Além do mais, em *sem ouvir yes Papa como resposta da cria*, também é relativamente complicado especificar quem é o sujeito de *ouvir*, isso é possível graças ao valor geral da oração completiva subjetiva conferido pela forma verbal não finita. Nesse sentido, a aplicabilidade se estende a todos os pais. Nesse dado não há, portanto, um entorno contrastivo, a não ser o agente da forma verbal *aponta*, que é verbalmente declarado – *estudos*. Esse dado encontra-se na página do Facebook denominada Super mães.

(6)

É possível que tenhamos um novo ministro ou ministra da educação na semana que vem. É um ministério fundamental e eu torço muito para que a nova pessoa mire nos inúmeros problemas estruturais e fuja de factoides sem sentido. Algumas coisas importantes:

- o analfabetismo total diminui há anos. Nosso problema continua sendo com o analfabetismo funcional, a dificuldade de interpretar textos simples e formular frases claras.

- a burocracia do ministério é enorme e atinge todo o sistema. Há muitas verbas e elas não chegam à trincheira: a sala de aula. Como fazer com que o dinheiro chegue diretamente à frente de batalha?

- falta uma capacita... Ver mais

Fonte – Facebook

Em (6), temos uma ocorrência que exemplifica a construção *É possível que tenhamos um novo ministro ou ministra da educação na semana que vem* na ordem oração matriz + oração completiva subjetiva posposta. A oração matriz *é possível* seleciona a oração completiva subjetiva – *que tenhamos um novo ministro ou ministra da educação na semana que vem*. A modalidade epistêmica é conferida pelo predicativo *possível* que expressa uma possibilidade de que a proposição da completiva subjetiva ocorra.

A análise da oração matriz permite observar que a forma verbal *é* foi preferida, e, do ponto de vista morfossintático, contribui com a impessoalidade da construção. Assim, ainda que o sujeito oracional esteja claro, a escolha da forma verbal *tenhamos* também auxilia na simulação do distanciamento do escrevente acerca da avaliação realizada na construção. A forma verbal de subjuntivo (irrealis) na completiva subjetiva revela-se um fator de análise que difere dos demais dados, pois é a única ocorrência com o modo subjuntivo na modalidade epistêmica. Em nossos dados, inclusive com as construções de modalidade epistêmica, houve predominância da forma não finita nas orações completivas subjetivas. Esse dado apresenta um uso da forma verbal possessivo/relacional *ter* (HALLIDAY, 1985). A forma verbal da oração completiva insere de forma clara o escrevente no evento, já que o verbo é flexionado na primeira pessoa do plural *tenhamos*. Encontramos marcas de primeira pessoa dentro e fora da construção subjetiva, pois, além do verbo da completiva subjetiva, encontramos, no entorno linguístico, o pronome *eu* e a forma verbal *torço*, também responsáveis por tornarem evidente o avaliador que pensa acerca da possibilidade de haver um novo ministro da educação à época da coleta deste dado.

A partir do dado acima, é possível observar o uso da construção subjetiva epistêmica utilizada em uma postagem na página de um usuário do *site* da rede social Facebook que traz uma reflexão sobre a possibilidade de alteração no comando da pasta do Ministério da Educação. A avaliação é feita por meio de um modalizador epistêmico que se situa no campo do conhecimento.

4.4 A produtividade

Nas construções subjetivas, a oração matriz instancia um *chunking*, percebido pelo falante/escrevente como uma sequência que, por estar em terceira pessoa do singular mais a atemporalidade do presente do indicativo, lembra estrutura da impessoalidade, como por exemplo a dos verbos impessoais. Assim, como não temos a expressão de

impessoalidade tal como o inglês – *it*- ou o francês- *il*, então recorreremos a uma “ilha” semântica de impessoalidade na forma de construção subjetiva, cercada de camadas semântico-pragmáticas que nos levam a informações pessoais do falante/escrevente. Ou seja, a impessoalidade da terceira pessoa do singular do verbo *ser* e a atemporalidade do presente do indicativo harmonizam-se com a potencialidade projetada pela forma predominantemente não-finita da oração completiva subjetiva.

Quanto à esquematicidade da construção, os esquemas são geralmente discutidos em termos de lacunas e de seu preenchimento por meio de estruturas simbólicas e podem ser considerados da perspectiva semântica ou de padrões mais holísticos (BYBEE, 2016), sendo que os pesquisadores a consideram, geralmente, como gradiente. Produtividade, para Bybee (2010), é a probabilidade que as posições abertas de uma construção têm de serem ocupadas por novos itens; ela é determinada, em grande medida, pela frequência *type*.

Considerando os resultados obtidos pela frequência token, observamos que as construções subjetivas sofrem variação no *slot* que é preenchido pelo adjetivo ou palavra adjetiva [É + X oração matriz [verbo (não) finito oração completiva subjetiva]].

Na análise das construções subjetivas avaliativas, que são as mais frequentes, podemos considerar que há restrição na entrada de adjetivos, geralmente qualificadores, que expressam, na tomada de atitude do falante/escrevente, o julgamento e a apreciação, sendo o primeiro tipo mais recorrente.

Observemos o Quadro 2.

Quadro 2 – usos predicativos avaliativos

<p>Avaliativas</p>	<p>Sintagmas nominais: nomes e pronomes: tudibão (1); tudo (1); sempre a melhor estratégia (1) privilégio de gramáticos (1); o início da sabedoria (1); minha tarefa mais trabalhosa (1); a coisa mais poética do mundo (1); a única saída (1); outra saída (1); tarefa para quem foi pedido em casamento (1); apenas uma questão de escolha (1); um exercício diário (1); maior das honras (1) uma honra (1); uma escolha sua (1); dever de todos (1); o mar de rosas (1); um inferno (1); o que faz a diferença (1); uma coisa (1); outra coisa (1); mais um problema (1); uma contradição pedagógica (1); uma ética (1); para todo dia (1); um emprego sem folga (1); maior rebeldia contra o sistema (1); de grande importância (1); muito mais difícil do que trabalhar fora (1); pura ousadia (1) sintagmas adjetivais: difícil (24); (não) difícil (1); fácil (24); (não) fácil (8); bom (22); melhor (10); confortável (6); gratificante (5); cômodo (3); essencial (3); inútil (2); ruim (2); (não) normal (2); impressionante (2); importante (2); incrível (1); sagrado (1); chato (1), divino (1); opcional (1); legal (1); complicado (1); (não) comum (1); triste (1); desesperador (1); normal (1); incompatível (1); lindo (1).); outros: não tem preço (1); mentira que há crescimento do emprego no país (1);</p>	<p>161</p>
---------------------------	--	------------

Fonte: Maganha (2021, p. 91).

Na análise dos *slots* preenchidos pelos modalizadores, a variação dos adjetivos é muito menor, restrita a alguns tipos mais representativos da modalidade, o que configura uma baixa produtividade, conforme pode ser observado no Quadro 3.

Quadro 3 - usos predicativos deônticos e epistêmicos

<p>Deôntica</p>	<p>Preciso (23); não é preciso (2); necessário (8); não é necessário (2); indispensável (1); obrigatório (1)</p>	<p>37</p>
<p>Epistêmica</p>	<p>Possível (12); (não é) possível (1); impossível (2); claro (1)</p>	<p>16</p>
<p>Total</p>		<p>214</p>

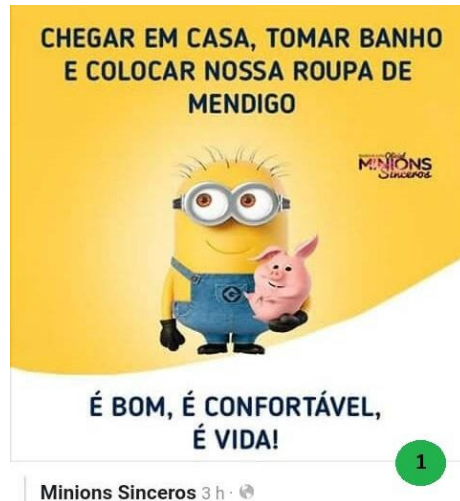
Fonte: Maganha (2021, p. 106 e 119).

4.5 Análise e descrição da construção subjetiva em texto imagético (memes)

Reservamos essa parte da análise para observar os processos de construção dos memes que despertam a nossa atenção pela estrutura fragmentada, pois o conteúdo verbal é intercalado por textos imagéticos, quebrando a estrutura linear do conteúdo escrito. De acordo com a GDV, a estrutura composicional fica encarregada de estabelecer a relação entre os elementos representacionais e interacionais, pois os elementos, ao comporem a imagem, têm seu valor determinado de acordo com o seu posicionamento na imagem, ou se recebe alguma espécie de destaque, ou ainda dependendo do seu enquadramento.

Nos exemplos abaixo, vemos a mesma construção subjetiva avaliativa - *Chegar em casa, tomar banho e colocar nossa roupa de mendigo é bom, é confortável é vida!* - replicada em dois memes diferentes.

(7)



Fonte - Facebook

(8)



Fonte – Facebook

Na ocorrência (7), a leitura da imagem nos revela que a interação entre os participantes (observador e representado) sugere a interação por meio do olhar do participante representado que simula o contato visual imaginário com o observador (NOVELINO, 2007). No entanto, o posicionamento do elemento representacional (Minion) promove uma relação de menos proximidade, pois é inserido na imagem de forma mais distante. O observador vê a imagem totalmente de fora. Por outro lado, o ponto de vista coloca os participantes em um mesmo nível, já que o ângulo sugere que o participante representado está na altura dos olhos do observador (NOVELINO, 2007).

Em (8), percebemos que o contato visual é igualmente estabelecido, mas, quanto à distância, nota-se maior proximidade, já que o participante é representado de forma mais aproximada, nem é possível visualizar toda a extensão de seu corpo, o ângulo é aproximado. Além disso, apesar de o participante representado estar deitado, não podemos dizer que o participante é visto de cima, pois a disposição na imagem sugere que o observador e o participante estão no mesmo nível.

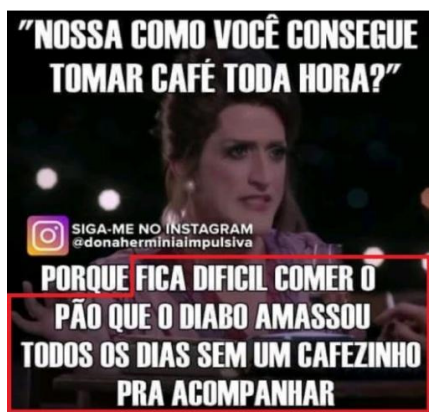
Outro ponto importante é a posição dos elementos. Nos dois casos de uso, o participante representado ocupa o centro da imagem, sendo que, no exemplo (8), a função nuclear desse elemento fica ainda mais evidente. O conteúdo verbal, em ambos, se concretiza através do processo verbal que na representação narrativa configura a fala (processo verbal) (NOVELINO, 2007; SANTOS, 2020)

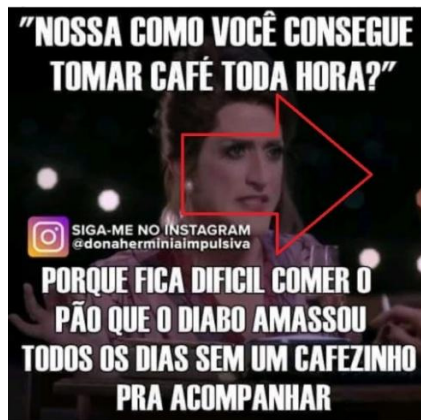
dos participantes representados em cada imagem. A porção verbal dessa imagem, a construção subjetiva, é bipartida. Sendo assim, as orações *Chegar em casa, tomar banho e colocar nossa roupa de mendigo*, nas duas ocorrências, ocupam a posição superior, o que, de acordo com a GDV, significa que esses elementos são representados como a parte mais ideológica da imagem, já que ocupam a parte superior do texto imagético. Assim, podemos classificá-los como ideológico/tópico/tema. Por outro lado, a parte mais concreta da imagem é representada pelas orações *E bom, é confortável, é vida*, por serem elementos mais práticos e concretos, portanto tomados como verdadeiros. Pensando a partir da análise linguística, temos então o rema/comentário

Quanto à composição da construção subjetiva *Chegar em casa, tomar banho e colocar nossa roupa de mendigo é bom, é confortável, é vida*, podemos perceber a ordem Orações completivas subjetivas + orações matrizes. As orações matrizes *é bom, é confortável, é vida* conferem à construção o valor semântico-discursivo de avaliação do tipo julgamento acerca da proposição das orações completivas subjetivas *Chegar em casa, tomar banho e colocar nossa roupa de mendigo*.

No espaço da oração matriz, temos a forma verbal *é*, que impessoaliza a construção não deixando claro quem é o sujeito que avalia a situação. As completivas subjetivas constituem-se com os verbos materiais *chegar, tomar e vestir*, que, em suas formas não finitas, contribuem para ampliar a sensação de afastamento do avaliador na construção. O entorno linguístico não apresenta marcas de primeira pessoa, mantendo, assim, o valor mais geral da construção (RAMOS, 2016).

(9)





Fonte – Facebook

O exemplo (9) nos serve como demonstração de construções visuais que mesclam conteúdos verbais e imagéticos. A porção verbal que compõe o meme se encontra dividida em duas partes: uma inserida na parte superior da imagem, a pergunta retórica *Nossa como você consegue tomar café toda hora?*, que funciona como tema/tópico/ parte mais ideológica, e a segunda na parte inferior, representando a parte mais prática e concretas, tidas como verdadeiras, o rema/comentário; na posição central, encontramos o participante representado. O elemento centralizado ganha valor nuclear em relação aos demais, e o elemento representado na parte superior da imagem representa a essência da informação (NOVELINO, 2007; SANTOS, 2020).

Além disso, não há contato visual entre os participantes já que o participante representado escolhido para compor essa imagem olha para o lado e não é representado em posição frontal. Neste dado, é perfeitamente possível observar a representação narrativa, nos memes, construída pelo processo verbal (NOVELINO, 2007; SANTOS, 2020). O conteúdo da primeira porção de texto escrito – *Nossa como você consegue tomar café toda hora?* – e o da segunda parte – *Porque fica difícil comer o pão que o diabo amassou todos os dias sem um cafezinho para acompanhar* – representam a verbalização do conteúdo linguístico nesse meme. A função representacional sugere que temos o processo verbal do participante representado na imagem.

A construção subjetiva avaliativa, que ocupa a posição de “rema”, constitui-se de Oração matriz + oração completiva subjetiva. A oração

matriz *Porque fica difícil* ocupa a posição inicial na construção e atribui o valor semântico avaliativo à construção. A avaliação do tipo julgamento expressa pelo escrevente acerca da proposição *comer o pão que o diabo amassou todos os dias sem um cafezinho para acompanhar* é obtida por meio do predicativo “difícil”. Podemos destacar ainda que, para compor a oração matriz, o escrevente opta pelo verbo “ficar”, cuja forma representa a marca da unipessoalidade (NEVES, 1996). A novidade, no entanto, fica por conta do tipo semântico do verbo, já que o escrevente selecionou o verbo *ficar* em vez de *ser*, tão recorrente em nossos dados.

5 Conclusão

A partir da análise de dados, foi possível perceber que a motivação discursiva pode determinar a ordem da oração subjetiva em relação à matriz. A construção subjetiva é constituída de oração matriz com função predicadora e oração completiva subjetiva. O padrão observado foi: oração matriz (É+ predicativo (avaliativo, deôntico ou epistêmico)) + oração completiva subjetiva não finita. Durante a coleta, foram encontrados ainda, em menor número, dados com o padrão: oração matriz (Tá/está/fica/tem/será + predicativo).

Quanto à ordem das orações, houve uma forte relação entre a oração matriz e a oração completiva subjetiva que proporcionou mais condições para a ocorrência da completiva subjetiva anteposta em relação à matriz. Estamos considerando que essa escolha do escrevente tem motivação semântico-pragmática. Esse recurso permite a criação de nuances de ênfase, topicalizando a informação trazida na posição inicial da construção.

O nosso foco consiste na observação da ordem das orações. Desse modo, observamos que as construções subjetivas avaliativas, além de mais numerosas em nosso corpus, apresentaram maior incidência de anteposição da completiva subjetiva em relação à matriz. Por outro lado, as construções subjetivas deônticas foram o segundo grupo mais numeroso, ainda que em número bem menor que as avaliativas, e até apresentaram casos de anteposição, porém de forma tímida. As epistêmicas foram bem mais raras e não foi possível observar casos de anteposição.

No que diz respeito às construções deônticas, os valores se dão no campo da permissão/obrigação ou necessidade. Além disso, o predicativo *preciso* é mais recorrente, em nossos dados, por seu caráter mais flexível,

já que expressa diferentes graus deônticos. Dito de outra forma, a obrigação pode ser moral interna, ditada pela consciência ou material, ditada por fatores externos que são impostos ao agente humano. A necessidade é uma ordenação mais atenuada. Uma ação ser necessária é diferente de ser obrigatória. As construções que menos apresentaram variação nos slots foram as epistêmicas. O predicativo preferido foi *possível*, utilizado para expressar possibilidade de que algo aconteça. Já os predicativos *Impossível* - também no campo da possibilidade, porém que é negada - e *claro* - que expressa mais certeza - raramente foram utilizados.

A forma verbal da oração matriz (3ª pessoa do presente do indicativo) é um dos recursos utilizados pelo escrevente para simular o próprio distanciamento do que é dito. A forma não finita que constitui a oração completiva aumenta o valor geral da construção. Entretanto, o escrevente pode se revelar no entorno linguístico por meio de marcas de primeira pessoa, ainda que a construção apresente valor mais geral (matriz impessoal e completiva subjetiva não finita). Esse fenômeno promove o “efeito ilha” (DIAS; BRAGA, 2017).

As construções subjetivas apresentam uma oração matriz que forma uma sequência de verbo + adjetivo, justificando um *chunking*, nos termos de Bybee (2016). Nesta sequência, encontramos variação no *slot*, que é preenchido por adjetivos modalizadores e avaliativos. Os mais produtivos são os últimos, por apresentarem uma variedade de adjetivos que expressam julgamento e apreciação. Já os modalizadores são mais conservadores na sua variação, constituindo uma produtividade bem baixa, já que a posição aberta não permite muita inovação.

A análise dos dados evidenciou que o texto imagético precisa ser analisado considerando as partes verbais e visuais que compõem o texto como um todo. Além disso, compreender a estrutura visual é crucial para se obter o real sentido dos textos. Isto é, o valor mais abstrato da informação contida na parte de cima e o mais concreto localizado na inferior; o destaque recebido pelo elemento que é posicionado mais ao centro quando comparado ao que ocupa a posição marginal; o contraste que se obtém com o emprego de cores e fontes diferentes no conteúdo verbal; e, por fim, o valor que os participantes representados atribuem ao texto, pois há diferentes graus de interação entre os participantes interativos (produtor/escrevente e observador/leitor).

Assim, como advertem Novelino (2007) e Santos (2020), não se deve buscar estabelecer uma relação entre o conteúdo visual e o linguístico. Portanto, as construções subjetivas presentes nos memes representam a forma de interação entre os participantes representados

e o leitor/observador. Ou seja, é o processo verbal do diálogo que se estabelece entre as partes. A informação trazida na parte superior representa o conteúdo mais ideológico/tópico e o concreto/comentário ocorre na parte inferior.

Declaração de autoria

O artigo é resultado da confluência de pesquisas realizadas por Nilza B. Dias sobre as construções subjetivas nas modalidades escrita e falada - abarcando análises sincrônica inicialmente e, posteriormente, diacrônica - e de investigação desenvolvida, na dissertação, por Angelina Maganha, que aplicou aos memes os resultados obtidos pela primeira autora.

Referências

- ACHARD, M. Representation of Cognitive Structures. Syntax and Semantics of French Sentential Complements. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 269-318.
- BOYLAND, J. T. Usage-based Models of Language. In: EDDINGTON, D. (ed.). *Experimental and quantitative Linguistics*. Munich: Lincom, 2009. p 351-419.
- BRAGA, M. L. Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 23-34, 2001.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASIMIRO, S. *Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2007.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.
- COWAN, N. *Working Memory Capacity*. New York: Psychology Press. 2005.

DIAS, N. B. A marca da (inter)subjetividade na sentença complexa subjetiva. *Revista Confluência*. Liceu Literário Português, Rio de Janeiro, v 44-45, p. 83-106, 2013a. DOI: 10.18364/rc.vli59

DIAS, N. B. A subjetividade nas construções completivas impessoais do português brasileiro. *Revista Portuguesa de Humanidades | Estudos Linguísticos*, Braga, v. 17, n. 1, p. 9-24, 2013b.

DIAS, N. B. As construções subjetivas na modalidade falada mineira, carioca e fluminense. In: OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. (orgs.). *Linguística Centrada no Uso - Teorias e Métodos*. Rio de Janeiro: Lamparina/ FAPERJ, 2015. p. 129-141

DIAS, N. B.; ABRAÇADO, J.; LIMA-HERNANDES, M. C. Construções subjetivas. In: BAGNO, M; CASSEB-GALVÃO, V; REZENDE, T. (orgs.). *Dinâmicas funcionais da mudança Linguística*. São Paulo: Editora Parábola, 2017. p.163-190

DIAS, N. B.; BRAGA, M. L. As construções subjetivas avaliativas. In: OLIVEIRA, M. ; CEZÁRIO, M. (orgs.). *Funcionalismo Linguístico – vertentes e diálogos*. Niterói: UFF2017. p. 205-225.

DIESSEL, H. *The grammar network*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H.; HILPERT, M. Frequency effects in grammar. In: ARONOFF, M. (ed.). *Linguistics: Oxford Research Encyclopedias*. Oxford: Oxford University Press, 2016. DOI: 10.1093/acrefore/9780199384655.013.120. Acesso: jul. 2019. Disponível em: <http://linguistics.oxfordre.com/page/featured/new-and-featured>.

DIESSEL, H. Frequency effects in language acquisition, language use, and diachronic change. *New Ideas in Psychology*, Amsterdam, v. 25, p. 108-127, 2007. DOI: [10.1016/j.newideapsych.2007.02.002](https://doi.org/10.1016/j.newideapsych.2007.02.002)

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 157-176.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work*. The nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press. 2006

GONÇALVES, S. C. L.; SOUZA, G. C. de; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português falado culto no Brasil: classe de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora UNICAMP, 2008. p. 1021–1084.

HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. *Clause combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold Publishers Ltd., 1985.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JONIDES, J. *et al.* The mind and brain of short-term memory. *The Annual Review of Psychology*, v. 59, p. 193–224, 2008.

KEMMER, S.; BARLOW, M. *Introdução: Uma concepção de linguagem baseada no uso*. Stanford: CSLI Publications, 1999.

KRESS, G. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London: Routledge, 2006.

LANGACKER, R. On the Subject of Impersonals. In: BRDAR, M.; GRIES, S. T.; FUCHS, M. Z. (eds.). *Cognitive Linguistics: convergence and expansion*. San Diego: California: John Benjamins, 2011. p. 179–218. <https://doi.org/10.1075/hcp.32.12lan>

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar. Theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press. 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar. A basic introduction*. Oxford: Oxford University Press. 2008.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.). *Clause combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

LOGAN, G. D. Towards an instance theory of automatization. *Psychological Review*, Washington, v. 95, p. 492-527, 1988. DOI: <https://doi.org/10.1037/0033-295X.95.4.492>

MAGANHA, A. A ordem das orações nas construções subjetivas com verbo +nome. 2021. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2021.

MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, Análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

MARTIN, J. R.; WITHE, P. R. R. *The language of evaluation. Appraisal in English*. London: Palgrave Macmillan, 2007.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988. p. 275-330.

NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 38, p.109-127, 1994.

NEVES, M. H. M. *Modalidade*. In: KOCH, I. (org.). *Gramática do português falado*, v. VI. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 163-200.

NEVES, M. H. M. A modalização na linguagem. In: NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 158-166.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NOVELLINO, M. O. Fotografias em livro didático de inglês como língua estrangeira: Análise de suas funções e significados. 2007. 203 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, F.; MENDES, A. Modalidade. In: RAPOSO, E. B. P. *et al.* (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 623-668.

RAMOS, J. A. *Construção “subjativa” com é + adjetivo assertivo*. 2016. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2016.

RECUERO, R. C. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. Conexões nas Redes Midiáticas. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 32, p. 23-31, 2007. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2007.32.3411>

RECUERO, R. C. Discurso mediado por computador nas redes sociais. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (orgs.). *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

SANTOS, W. Q. *A gramática das construções mêmicas de internet no português do Brasil: uma interface da gramática sistêmico-funcional e da gramática do design visual*. 2020. 185 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, 2020.

WIEDEMER, D. A. *A modalidade deontica em construções completivas subjativas com ser + nome*. 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2019.